



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## PLANTÃO PSICOLÓGICO E PSICODIAGNÓSTICO COLABORATIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA CLÍNICA- ESCOLA DE DOURADOS/MS

**Aline Nunes Ramos<sup>1</sup>; Fernanda Aran Colman Batista Barros<sup>1</sup>; Rafael Esteves Rodrigues Pereira<sup>1</sup>; Pamela Staliano<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmicos de Psicologia FCH/UFGD; <sup>2</sup>Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Curso de Psicologia FCH/UFGD.

### RESUMO

Este estudo apresenta um relato de experiência em atendimento clínico realizado na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). O plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo foram implantados, como projeto de extensão na clínica escola se caracterizando como a porta de entrada dos serviços da Psicologia, visando um pronto atendimento qualificado, acolhendo a população que fosse encaminhada ou que buscasse o serviço espontaneamente, eliminando filas e futuros agendamentos. Participaram do projeto dez acadêmicos do último período do Curso de Psicologia, contudo, o presente relato delimita-se aos atendimentos realizados por três acadêmicos. Os atendimentos compreenderam os seguintes passos: entrevistas iniciais para identificação da queixa e histórico de vida do paciente; avaliação psicológica com a utilização de instrumentos para a avaliação da personalidade e investigação dos sintomas relatados; e encaminhamentos que poderiam culminar em um processo de orientação ou psicoterapia individual. Entende-se, de modo geral que o Plantão Psicológico se mostrou fundamental para a adesão dos pacientes aos encaminhamentos, bem como, para a formação dos estagiários, que puderam vivenciar uma modalidade alternativa de atendimento em Psicologia.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico, Avaliação psicológica, Psicodiagnóstico Colaborativo.



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## INTRODUÇÃO

De modo geral, a dinâmica de atendimento em clínica-escola se assemelha aos serviços públicos, por fornecer atendimento gratuito à população. Assim, são frequentes as incansáveis filas de espera frente ao grande número de pessoas que procuram por este tipo de atendimento. Frente a este quadro, é preciso que se instituem estratégias e modalidades de atendimento que contribuam para que a população não precise esperar muito tempo para ser atendida. O plantão psicológico surge justamente com a ideia de oferecer acolhimento e organizar a demanda que busca por atendimento na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Residindo na porta de entrada dos serviços da clínica, bem como, consistindo em uma modalidade alternativa para a psicoterapia, priorizando o exercício da escuta acolhedora e ética.

Historicamente, o plantão psicológico surge no Brasil, no final da década de 1960, implantado pelo Instituto de Psicologia da USP, seguindo a fundamentação teórica de Carl Rogers, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e tinha o objetivo de atender às pessoas que procuravam os serviços da clínica-escola de psicologia da Instituição, pelo fato da demanda ser muito grande, não conseguiam atendimento. Por esse motivo se mostrou em um atendimento imediato ao público que buscava esse serviço (MAHFOUD, 1999; ROSENBERG, 1987).

Em um primeiro momento, o termo “plantão” pode causar certo estranhamento, uma vez que costuma ser vinculado às práticas de enfermeiros e médicos em hospitais de urgência e emergência e não estando vinculada a ideia de psicologia. Wood (1999) esclarece sobre o vocábulo comentando que a palavra pode adquirir dois sentidos. No primeiro sentido, plantão deriva da palavra francesa “planton”, “uma linguagem militar para designar a pessoa que ocupa uma posição fixa, alerta dia e noite” (p. 9), sendo utilizado atualmente para se referir a serviços de saúde oferecidos fora do horário normal. Já no segundo sentido, a palavra se refere a plantar. Tassinari (1999) afirma que esse sentido vem de “plantare” do latim, e representa um colocar-se a disposição diante de um organismo vivo que cresce e necessita ser cuidado.



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Chaves e Henriques (2008, p.152) argumentam que o plantão psicológico consiste em “um tipo de intervenção psicológica que acolhe a pessoa no exato momento de sua necessidade, ajudando-a a lidar melhor com seus recursos e limites”. Mahfoud (1987 *apud* PAPARELLI; NOGUEIRA-MARTINS, 2007 p.66) complementa que este atendimento é “[...] exercido por profissionais que se mantêm à disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos”.

Do ponto de vista da instituição, o atendimento de plantão pede uma sistematicidade do serviço oferecido. Do profissional, esse sistema pede uma disponibilidade para se defrontar com o não planejado e com a possibilidade (nem um pouco remota) de que o encontro com o cliente seja único. E ainda, da perspectiva do cliente, significa um ponto de referência para algum momento de necessidade (MAHFOUD, 1987 *apud* CHAVES E HENRIQUES, p. 152).

É importante pontuar a diferença entre plantão psicológico e psicoterapia. Rebouças e Dutra (2010) argumentam que são dois serviços diferentes, onde a psicoterapia objetiva aprofundar no entendimento da queixa ou resolver conteúdos dos clientes que o procuram, e o plantão se mostra como um primeiro contato feito para se compreender o sofrimento trazido pelo cliente.

O serviço não se propõe ou mesmo tem a pretensão de resolver sérios problemas emocionais em uma única sessão, para isto, o cliente é encaminhado para uma terapia contínua. Porém, muitos efeitos podem surgir de um encontro focado na solicitação do cliente, em que tanto o terapeuta quanto o cliente, esteja por inteiro e acreditando na tendência ao desenvolvimento e a transformação (ALVES, 2010; REBOUÇAS, DUTRA, 2010).

O foco do plantão não se concentra na queixa trazida pela pessoa, mas sim na forma de acolher a mesma, ou seja, o sintoma aqui não é a prioridade, o importante é compreender e considerar a vivência, a carga experiencial dessa pessoa, tornando o



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

encontro mais significativo, fator esse que contribui positivamente no estabelecimento de um bom vínculo (YEHIA, 2004; PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007).

A literatura especializada aponta que existe uma interface entre o plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. Este tipo de psicodiagnóstico diferencia-se do tradicional, pois é pensado e construído conjuntamente entre terapeuta e paciente partindo da demanda trazida pelo paciente, diferentemente do modelo tradicional que se investiga primeiro e depois se devolve ao paciente, quando a devolução é feita esses conteúdos já antigos não fazem mais parte do paciente, mas sim de seu passado (YEHIA, 2004).

O psicodiagnóstico colaborativo faz uma aproximação do entendimento do mundo psicológico dos pacientes, tendo como ponto de partida o entrelaçamento intersubjetivo dos modos de olhar do psicólogo e do paciente. Procura ficar livre de classificações valorizando o reconhecimento dos significados. Segundo Fischer (1972, 1989 *apud* PIMENTEL, 2003) contribui para ajudar os outros profissionais na tomada de decisão e também ajuda o paciente a clarear suas dúvidas. Ou seja,

No psicodiagnóstico colaborativo, a proposta é a explicitação da experiência do paciente, à medida que a ela se refere ou que vai sendo percebida na relação estabelecida com o psicólogo (YEHIA, 2004, p. 67).

Yehia (1995) indica a necessidade de se reformular o papel do psicólogo e também do paciente, durante a fase do diagnóstico, e do poder que esse conhecimento concede, mostrando a importância de se conduzir o psicodiagnóstico de maneira cooperativa. Faz-se necessário então entender os questionamentos do paciente, buscar o sentido dado aos papéis vivenciais familiares, expandir o espaço de entendimento da queixa, valorizar a compreensão do paciente e, ainda, lançar mão da intervenção processual e cooperativa. Em linhas gerais, o plantão psicológico surge como uma modalidade alternativa de atendimento psicológico, de caráter breve e individual que visa, em uma ou até quatro sessões, orientar e auxiliar na resolução de dificuldades



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

focadas em questões emergenciais e que nem sempre precisam de acompanhamento prolongado (ALVES, 2010; REBOUÇAS, DUTRA, 2010).

Devido ao caráter imediato de atendimento, muitos imaginam que o plantão destina-se a atender somente pessoas em crises emocionais agudas e quadros psiquiátricos graves. No entanto, a proposta não é de um serviço para emergências psiquiátricas, mas sim, uma escuta imediatista, recebendo a pessoa no momento da dificuldade, sem que necessariamente a intensidade desta dificuldade tenha atingido um ponto crítico que represente ameaça iminente à sua integridade ou a de outros (ALVES, 2010; REBOUÇAS, DUTRA, 2010).

Dessa forma, o plantão psicológico constitui em uma prática clínica da contemporaneidade, na medida em que ela promove uma abertura para o novo, o diferente e oferece um espaço de escuta a alguém que apresenta uma demanda psíquica, um sofrimento ou algo que o aflige. O homem contemporâneo tem demandado novas formas de inserção do psicólogo, na verdade, uma nova postura, um novo olhar sobre ele. Dentro dessa perspectiva contemporânea, surge uma nova modalidade clínica que não vem substituir a psicoterapia, mas se constituir em uma alternativa a esta, tratando-se de uma prática que se adequa às demandas atuais (BARTZ, 1997; FURIGO ET AL., 2008).

Sendo assim, refletir sobre a prática do plantão psicológico como uma possibilidade de intervenção com grande potencial mobilizador para a promoção de saúde na sociedade contemporânea, torna-se uma atitude ética, frente aos paradigmas nos quais a Saúde, a Psicologia e a Contemporaneidade têm se deparado (ALVES, 2010; FURIGO ET AL., 2008).



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## MATERIAIS E MÉTODOS

A Clínica Escola de Psicologia da UFGD localiza-se próxima ao Hospital Universitário (HU) da mesma instituição. Neste local foi implantado o plantão psicológico proposto por meio de um projeto de extensão elaborado e supervisionado pela Professora Doutora Pamela Staliano. O objetivo do plantão consistiu em atender crianças, adolescentes e adultos, que não possuíam condições financeiras para custear o atendimento em clínicas particulares, seja essa população encaminhada pelo Hospital Universitário (HU), pelo Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ou aqueles que aparecem por demanda espontânea. O serviço foi oferecido por estagiários do último período do Curso de Psicologia da UFGD, que foram preparados para receber, ouvir, inscrever e ou encaminhar o paciente, acolhendo de modo respeitoso e empático, minimizando o sofrimento trazido, utilizando das ações preventivas, como a escuta e avaliação psicológica, diminuindo a fila de espera de atendimento, e potencializando os serviços da clínica escola.

Os acadêmicos inscritos que participaram do plantão realizaram os seguintes passos:

- 1) Entrevistas iniciais de acolhimento da demanda que comparecesse à Clínica em períodos e dias previamente estabelecidos. Cada caso era discutido em supervisão (até duas sessões);
- 2) Psicodiagnóstico colaborativo, utilização de alguns instrumentos psicológicos para avaliação da personalidade e investigação de quadros sintomáticos (até três sessões);
- 3) Encaminhamento: orientação ou psicoterapia. Se fosse identificada a necessidade de orientação, o próprio estagiário que iniciou os atendimentos prepararia a orientação e por volta de no máximo dez sessões encerraria com o paciente, já se a necessidade fosse de psicoterapia o estagiário tinha duas opções, encaminhar o paciente para outros estagiários que atendiam na Clínica sob a supervisão de outros professores, ou continuar com o paciente em psicoterapia, sob a supervisão da mesma supervisora do plantão.



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Participaram da proposta dez estagiários do 9º semestre de psicologia da UFGD, Contudo, serão expostos dados da atuação de três estagiários cujas atividades foram realizadas durante o primeiro semestre de 2014.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo de um semestre de atuação, três acadêmicos foram responsáveis pela acolhida de 27 pacientes. O Quadro 1 retrata o panorama destes pacientes atendidos.

Quadro 1 – Total de pacientes atendidos no plantão psicológico

Nº de Pacientes	Resultado Final
13	Encaminhados para Psicoterapia
12	Desistentes
2	Obtiveram orientação

É importante salientar que o número de desistentes, talvez se identifique com um perfil de pacientes que não precisavam exatamente de um acompanhamento psicoterápico, mas que com só uma ou duas sessões de escuta qualificada e empática, essas pessoas já tiveram condições de se reestruturar e seguir sozinhas. Este é mais um dos benefícios do plantão, assim não há necessidade de esperar por uma vaga, mobilizar um atendimento a quem só precisava de poucas ou até mesmo uma sessão. Esse dado converge com os apontamentos da literatura de que como o plantão psicológico valoriza o encontro, tentando minimizar o sofrimento, pautando-se em ações preventivas, muitas vezes, o paciente consegue se estruturar antes mesmo de encerrar o processo psicodiagnóstico (ALVES, 2010; REBOUÇAS, DUTRA, 2010).

Dos 27 pacientes atendidos, três permaneceram em psicoterapia com os próprios estagiários. Estes pacientes realizaram o psicodiagnóstico para a investigação da personalidade. Os quais apresentaram adesão positiva ao tratamento. Sobre a realização de psicodiagnóstico antes do atendimento individual, Cunha (2000) pondera que quando



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

o mesmo é realizado de forma adequada e completa é possível antecipar aproximadamente seis meses de conteúdo interno do paciente que se submete à psicoterapia, minimizando assim, o tempo que este precisa destinar ao tratamento.

## **INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO PSICODIAGNÓSTICO COLABORATIVO**

Quando o plantão psicológico favorece a interface entre o psicodiagnóstico colaborativo é possível lançar mão a uma série de instrumentos adequados à investigação da personalidade, da queixa, dos sintomas nos distintos grupos populacionais.

Ao longo do referido semestre de atuação dos estagiários na Clínica de Psicologia da UFGD os instrumentos mais utilizados, de acordo com a demanda apresentada pelos pacientes foram:

- 1) Escalas Multifatoriais de Beck: As Escalas Multifatoriais de Beck, são compostas por quatro inventários BDI (Inventário de Depressão), BAI (Inventário de Ansiedade), BHS (Escala de Desesperança) e o BSI (Escala de Ideação Suicida). Dos quais foram utilizados apenas o Inventário de Depressão, composto por 21 categorias que descrevem sintomas, comportamentos, atitudes característicos da depressão. E o Inventário de Ansiedade, abrange 21 categorias que descrevem sintomas comuns à ansiedade. Essas escalas podem ser usadas em sujeitos de 17 a 80 anos de idade e sua classificação compreende a presença dos quadros de forma leve, moderada e grave (CUNHA, 2011).
- 2) Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de LIPP (ISSL): É um instrumento usado para identificar o nível de stress em pacientes a partir dos 15 anos. Ele sustenta-se em um modelo quadrifásico que procura identificar em que fase o paciente se encontra: alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão (LIPP, 2005).
- 3) HTP - House, Tree, Person, (Casa, Árvore, Pessoa): O HTP, é um teste projetivo de investigação da personalidade aplicado em quatro fases, a primeira não verbal que



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

consiste no desenho acromático de uma casa, uma árvore e uma pessoa, a segunda é verbal que consiste em um inquérito posterior à execução dos desenhos, a terceira é semelhante à primeira só que dessa vez cromática, com a execução dos desenhos com lápis de cor, seguida da quarta fase, em que são feitas perguntas adicionais aos desenhos cromáticos. Sua aplicação é recomendada a partir de oito anos (BUCK, 2009).

4) T.A.T – Teste de Apercepção Temática: O T.A.T é um teste de personalidade que consiste na apresentação de 20 pranchas ao sujeito previamente selecionadas de acordo com seu sexo e idade, as quais ele deve observar e criar uma história para cada uma delas. Este é um teste de aplicação individual e recomendável a pessoas entre 14 e 40 anos (MURRAY, 2005).

5) Teste de Zulliger para o sistema compreensivo ZSC – forma individual: O Zulliger é um teste baseado nos princípios do Psicodiagnóstico de Rorschach, por isso, às vezes ganha o apelido de Rorschach simplificado. É composto por três pranchas com manchas de tinta nas quais as pessoas devem dizer o que conseguem ver nelas. A Prancha I é feita em preto e branco, a prancha II em vermelho, marrom e verde e a prancha III em preto, branco e vermelho (VILLEMOR-AMARAL; PRIMI, 2009).

6) Pirâmides Coloridas de Pfister: É um teste de avaliação da estrutura afetiva da personalidade baseado nas sensações subjetivas que as cores provocam nas pessoas. Neste instrumento, solicita-se que o sujeito monte três pirâmides com quadrículos coloridos (VILLEMOR-AMARAL, 2012).

Para cada caso atendido pelo Plantão, foi sugerida em supervisão a utilização, no psicodiagnóstico, de instrumentos distintos, sendo que os instrumentos com uso mais frequente foram o HTP e as Pirâmides Coloridas de Pfister, em função da demanda atendida.

Os instrumentos sejam objetivos ou projetivos auxiliaram os estagiários a traçarem um perfil de personalidade dos pacientes, bem como, instituir estratégias para melhor conduzir os encaminhamentos e acompanhamentos dos mesmos. Muitas vezes,



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

apenas com a realização do psicodiagnóstico era possível clarificar o melhor encaminhamento para o caso, ou seja, se apenas uma orientação era necessária ou se o paciente era indicado para a realização de psicoterapia individual.

Tanto por meio da escuta atenta e empática quanto com a realização do psicodiagnóstico colaborativo, foi possível alcançar os objetivos estabelecidos pela proposta do plantão psicológico, de ser a porta de entrada do serviço, prestar acolhimento, escuta qualificada, além de cumprir a função de prestar o melhor serviço de forma organizada, minimizando o tempo de espera por atendimento psicológico.

## CONCLUSÃO

O plantão psicológico mostrou-se muito eficaz para o pronto atendimento da população, tornando-se a principal porta de entrada da Clínica-Escola de Psicologia, fazendo com que houvesse uma melhor organização para os pacientes. O plantão tornou-se como um filtro para o serviço oferecido, pois muitos pacientes atendidos precisavam somente de orientação, a qual os próprios plantonistas realizavam, outros buscavam somente esse primeiro contato sem visar uma psicoterapia a qual, certamente não viriam a aderir, pois seu perfil e necessidades eram outros, com isso restavam somente os casos daqueles pacientes que realmente necessitavam e estavam dispostos a aderir ao tratamento.

Desta forma o plantão contribuiu com a Clínica como também para os plantonistas, pois se mostrou de fundamental importância por sua contribuição para a formação do acadêmico, que aprendeu a lidar com o inesperado, a diversidade de atendimentos realizados e a variedade de técnicas e instrumentos apreendidos e aplicados foram de extrema valia.

Até o presente momento os estagiários se depararam nos atendimentos com casos bastante distintos, alguns mais serenos, outros curiosos e ainda alguns, que apresentaram extrema rigidez, mas todos com sua devida importância. Faz-se necessário



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

então observar mais e aprimorar as técnicas até o momento aprendidas e desenvolver um papel mais ativo e significativo para uma formação continuada e de qualidade.

O plantão psicológico se consolida aqui como prática de extrema eficiência ao alcançar seus objetivos, redução da fila de espera, acolhimento do paciente na hora que necessita e julga necessário, distinção das necessidades individuais de cada um que procurou o serviço fazendo o encaminhamento necessário e contribuição para a formação dos acadêmicos participantes.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Renata Cristina Rodrigues; MORALES, Ghoerber. Vínculo terapêutico no plantão psicológico: uma discussão sob a perspectiva da análise do comportamento. *Revista de Psicologia*. v. 2, n. 46, 2010. Disponível em: [http://revista.newtonpaiva.br/seer\\_3/index.php/RevistaPsicologia/index](http://revista.newtonpaiva.br/seer_3/index.php/RevistaPsicologia/index) > ISSN 2177-4552. Acesso em: 11.09.2013.
- BARTZ, S. S. Plantão psicológico: Atendimento criativo à demanda de emergência. *Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 1, n. 3, p. 21-37, 1997.
- BUCK, John. *Manual: HTP – casa, árvore e pessoa: técnica projetiva de desenho*. Trad. I. C. B. ALVES; R. C. TARDIVO. São Paulo: Editora Vetor, 2009.
- CUNHA, Jurema Alcides. *Psicodiagnóstico-V*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CUNHA, Jurema Alcides. *Manual: Escalas de Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- CHAVES, Priscila Barros; HENRIQUES, Wilma Magaldi. Plantão Psicológico: de frente com o inesperado. *Psicologia Argumento*, v. 26, n. 53, p. 151-157, 2008.
- FURIGO, Regina Célia Paganini Lourenço ET AL. Plantão Psicológico: uma prática que se consolida. *Boletim de Psicologia*, v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008.
- LIPP, Marilda Emanuel Novaes. *Manual: ISSL - Inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- MAHFOUD, Miguel. *Plantão psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

MURRAY, Henry A. *Manual: Teste de Apercepção Temática (TAT)*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

PAPARELLI, Rosélia Bezerra; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia Ciência e profissão*, Brasília, v. 27, n. 1, 2007, p. 64-79

PIMENTEL, Adelma. *Psicodiagnóstico em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2003.

REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista abordagem gestaltica*, Goiânia, v. 16, n. 1, 2010, p. 19-28.

ROSENBERG, Rachel. Léa. *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*. São Paulo: EPU, 1987.

TASSINARI, Márcia Alves. *Plantão psicológico centrado na pessoa no contexto escolar e a promoção da saúde*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa; PRIMI, Ricardo. *Manual: Teste de Zulliger para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa. *Manual: As pirâmides coloridas de Pfister*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

WOOD, John Keith. Prefácio. In: M. MAHFOUD (Org.). *Plantão psicológico: Novos horizontes* (pp. 7-9). São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.

YEHIA, Gohara Yvette. Interlocuções entre o plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 21, n. 1, 2004, p. 65-72.

\_\_\_\_\_. Reformulação do papel do psicólogo no psicodiagnóstico fenomenológico-existencial e sua repercussão sobre os pais. In: ANCONA-LOPEZ, M. (org.). *Psicodiagnóstico: processo de intervenção* (pp. 115-134). Cortez, São Paulo, 1995.